

“Jovens que soltam o som do céu na terra”: Apontamentos etnográficos sobre um grupo de louvor

Elias Evangelista Gomes

Recém-graduado em Ciências Sociais/ UFMG

Palavra-chave: juventude, música e religião.

Key Words: Youth, music, religion.

RESUMO: Este estudo buscou compreender como os jovens evangélicos, integrantes do grupo de louvor de uma igreja evangélica pentecostal, na periferia de Belo Horizonte, vivenciam e elaboram suas experiências. Por meio de uma pesquisa etnográfica buscamos apontar os elementos que agregam os jovens na igreja, a centralidade da música e algumas formas de adesão ao grupo de louvor.

ABSTRACT: The essay is a report of research done on social behavior of a group of young Christians who are members of a Pentecostal church located in poor neighborhood in Belo Horizonte – Brazil. It stresses the centrality of membership in a singing group for their self-affirmation in the church and among themselves.

Primeira nota

Nos últimos anos o número de pesquisas sobre a juventude cresceu e surgiram importantes estudos referentes aos grupos e culturas juvenis¹. Entretanto, pouco se elaborou acerca dos jovens que vivenciam alguma experiência religiosa. Neste sentido, pretendemos contribuir com as reflexões sobre as temáticas juventude e religião, através da discussão de mais um seguimento: os jovens evangélicos pentecostais.

Por meio da etnografia buscamos entender os significados atribuídos à dupla condição “ser jovem e ser evangélico”. Apontamos, ainda, os aspectos cotidianos que agregam os “jovens na igreja”, através de uma observação mais focalizada nos “jovens do grupo de louvor” e em três casos de adesão ao grupo.

O grupo de louvor: notas preliminares

A Comunidade Evangélica da Restauração (CER) é uma igreja pentecostal, criada em 1996, após a cisão do pastor² e alguns membros com a Igreja Assembléia de Deus. A Comunidade está localizada na fronteira entre dois bairros da regional Venda Nova, na cidade de Belo Horizonte – MG. São bairros periféricos habitados por trabalhadores das mais diversas profissões e que concentram profissões de menor prestígio social. A maior parte dos membros da igreja se conhece de outros espaços do bairro. A CER, apesar de não ter na parte externa do templo a “pompa” dos templos catedrais das grandes igrejas da cidade, é um templo bem visível para quem passa por perto. Localizado em uma esquina, a frente do templo torna-se um ponto de aglomeração de pessoas e, especialmente, de jovens.

O “grupo de louvor” da CER surgiu com a fundação da igreja. Ao longo de sua existência,

o “grupo de louvor”, sofreu inúmeras reformas, tanto de estilo como de composição dos instrumentistas e vocalistas. No início do grupo o estilo musical preferido pelos jovens para as apresentações era o *hard rock*, além de influências do *heavy metal*; nessa época “o pessoal gostava mais de um metal”.

Durante a maior parte da década de 1990, poucas bandas se destacaram entre os evangélicos. As bandas de “música gospel” cresceram ao longo da década de 1990 e explodiram, ampliando o número de “apreciadores e consumidores” já nos primeiros anos de 2000. Entre a juventude evangélica, destacaram-se as bandas “Catedral”, “Oficina G3”, “Novo Som”, “Resgate”. Majoritariamente eram referenciadas musical e visualmente no rock-and-roll da década de 1980, período em que explodiram bandas de rock brasileiras como “Paralamas do Sucesso”, “Legião Urbana”, “Engenheiros do Hawai”, “RPM”.

Em outubro de 2006, o “grupo de louvor” da CER gravou um DVD no Teatro da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Atualmente, os jovens que compõe o grupo tocam e cantam músicas com um estilo mais comunitário, tendência que vem se consolidando no “meio evangélico”, por intermédio de “ministérios de louvor” que gravam ao vivo, com a presença de milhares de pessoas.

Entre os “grupos de louvor” evangélicos que os jovens da CER se referenciam, destacam-se: *Renascer Praise — SP*, *Ministério Apascentar — RJ*, *Igreja Batista de Contagem — MG* e o principal de todos, referência nacional e internacional, o *Ministério de Louvor e Adoração Diante do Trono*, da Igreja Batista da Lagoinha (IBL) de Belo Horizonte – MG, o maior deles. Contudo, gravação *ao vivo* não é exclusividade dos evangélicos. Esta modulação musical vem encontrando adeptos no *axé music*, nas bandas católicas carismáticas e talvez mais visíveis nas coletâneas “Acústicos MTV”, onde já sonorizaram em gravações públicas dezenas de artistas que fazem sucesso,

¹ Para uma discussão mais ampla cf. Spósito (2000).

² Pastor Gilmar Garibaldi, hoje pastor-presidente da CER.

principalmente, entre os jovens. Portanto, é referenciado neste ambiente que o “grupo de louvor” da CER busca produzir músicas que agradem o público que comparará os CD’s e DVD’s e, “acima de tudo, Deus”.

Um time de treze, mais a torcida.

Após tomarmos conhecimento do cenário que se insere a música evangélica, torna-se fundamental apresentar os sujeitos da pesquisa, suas características e suas redes de relação. Atualmente o “grupo de louvor” da CER é composto por treze jovens: Josué, 23 anos, líder do grupo, sabe tocar todos os instrumentos, mas nos cultos costuma tocar violão e cantar, é pastor na igreja e namora Marcela, 18 anos, vocalista contralto, estudante do terceiro ano do ensino médio; Jader é baixista, 25 anos, é o vice-líder do grupo, é o único casado (há dois anos), e sua companheira não participa diretamente do grupo, mas atua como apoio nas atividades; Vitor, 27 anos, é baterista e está no grupo desde o início. Atualmente namora uma jovem da Igreja do Evangelho Quadrangular, atua profissionalmente como técnico em radiologia, na mesma clínica laboratorial em que trabalha Ana Catarina, 23 anos, vocalista soprano, que trabalha como recepcionista da clínica e cursa Pedagogia Especial na Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas); Artur, 26 anos, é violonista e antes de tornar-se evangélico tocava na noite; Abner, 14 anos, guitarrista, é filho do pastor Francisco e primo de Josué; Ivan, 17 anos, é o outro guitarrista, mas fora do grupo toca também bateria e é estudante do segundo ano do ensino médio; Cecília, 21 anos, vocalista meso-soprano, namora Otávio, 23 anos, tecladista, filho da pastora Heloísa; Bernardo, 18 anos, vocalista e mi-

nistro de louvor, conduz as “ministrações” na maior parte dos cultos sabáticos e dominicais, mora entre as casas de Otávio e Cecília e estuda na mesma escola e turno que Ivan, membros da “grupo de louvor”; Douglas, 21 anos, é vocalista, ministra algumas músicas, é profissional de arte gráfica e produz os materiais visuais do grupo; há, ainda, um sonoplasta, Denis, 13 anos, que atualmente estuda música com Josué, está no ensino fundamental e também é vizinho de Bernardo, Cecília, Otávio e Vitor³.

Buscamos com esta breve caracterização apontar quais são as atividades desempenhadas por cada “jovem do grupo”, mas também ressaltar a existência de outras redes de convivência para além do espaço do templo e do culto, contribuindo na adesão e permanência dos jovens no ministério de louvor, que ampliam os aspectos da sociabilidade deles. Existe, ainda, um grupo de pessoas (pastores e pastoras, parentes, amigos) – que chamei de torcida – que opera numa *área próxima*, acompanhando as atividades coletivas com certa capacidade de influência nas decisões e interagindo no cotidiano dos “jovens do grupo de louvor”⁴. As perspectivas dos jovens sobre o grupo são: “Uma família”; “Um só corpo”; “Um é o cabelo e o outro é o braço”; “Se uma parte se machuca o corpo todo sofre”.

“Solta o som”: a centralidade da música

A música está presente em praticamente todos os momentos do cotidiano dos jovens pesquisados. Ela é para eles, a “minha vida” e “a coisa mais importante para mim” e ainda provoca a sensibilidade



³ Para feitos desta pesquisa considerei a condição juvenil dos pesquisados. Levei em conta a ampliação das fronteiras das idades, não me limitando, assim, a uma faixa etária padronizada. Todos são jovens, a partir das suas manifestações, modos de ser, a partir de uma condição de socialização. Os jovens novos interagem de tal forma com os jovens velhos que assumem ações semelhantes aos mais antigos. O mesmo acontece com os jovens velhos, quando ampliam o tempo de desenvolverem ações que são mais comuns aos jovens novos. Produzem um cenário de transição e diálogo entre jovens de diferentes idades e de condições sociais (juvenis) próximas.

⁴ “A minha igreja leva isso [o louvor] bem a sério, torce pela equipe de louvor. Igual, ontem [domingo], a gente não participou [estavam se apresentando no interior de Minas], mas eu tenho certeza que o pessoal estava lá [na igreja] intercedendo, graças a Deus.” (Ana Catarina).

das emoções, momentos de congregação e o estreitamento de laços de amizade, ou seja, a música está ligada com a maneira de ver e viver o mundo. Nesta mesma direção Weber (1995) aponta que a música é uma forma de arte que combina elementos racionais e irracionais existentes no pensamento, na sensibilidade e em formas culturais. Assim, consideramos que a música desempenha um papel muito importante nos rituais e práticas religiosas as mais diversas, não apenas para os jovens, mas também para os demais fieis. Contudo, nos interesses de nossa pesquisa demos destaque para a centralidade da música entre a juventude.

A musicalidade vem catalisar a aproximação entre os "jovens do louvor" e os outros "jovens da igreja". Os cantores, instrumentistas e participantes que cultuam incentivam-se e respondem-se, mutuamente, durante o momento musical. Os "jovens do louvor" buscam escolher músicas que "toquem o coração" da igreja e canções preferidas dos outros jovens da igreja que atuam como plateia participante nos cultos. O "grupo de louvor" recebe aplausos, gritos e expressões corporais que o motivam. A música, durante o culto, cumpre o papel de canalizar abertamente as motivações não apenas espirituais, mas também corporais e sonoras da juventude. A centralidade da música para os jovens constitui uma linguagem totalizante: inclui corpo, voz, sentimentos, uma forma de expressão "total", parafraseando Marcel Mauss (1974) em sua teoria de "fato social total".

A música na igreja tem capacidade de agregar, potencializar relações entre os jovens, estreitar laços de amizade, de companheirismo e promover o encontro de sentidos para a vida. Percebemos que a música tem certo poder de fortalecer a sociabilidade entre os jovens da igreja. Essa constatação é confirmada por outros estudos (ABRAMO, 1994; CARRANO, 1999; DAYRELL, 2005) que apontam a centralidade música para a juventude, o que também não é exclusividade dos jovens brasileiros e se amplia para outras partes do mundo, como nos mostra Dayrell (2005, p. 36):

"A música acompanha os jovens em grande parte das situações no decorrer da vida cotidiana: música como fundo, música como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo e artístico; são múltiplos as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior e das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida do que apenas escutada. Como lembra Muchow, 'os jovens sentem através da música alguma coisa que não podem explicar nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido'."

As manifestações artísticas promovidos pelos jovens religiosos se assemelham aos shows seculares de dança, música e teatro. Cecília Mariz (2005, p. 267), ao estudar grupos de jovens católicos carismáticos, afirma que a música tem papel central na vivência desses jovens. A músi-

ca e a dança na igreja reforçam as experiências sociais de efervescência festiva, geradora de um sentimento de coletividade⁵. Por meio da música, os jovens de nossa pesquisa dialogam tanto com o sagrado quanto com os seus semelhantes:

"Fecham os olhos e cantam, colocam as mãos no coração e oram, gritam e louvam. Toda esta cena para louvar Jesus é combinada com performances, construídas coletivamente, com expressões referenciadas em danças e palavras de ordem seculares. Para combinar os passinhos, coreografias e gritos eles conversam entre si, constroem juntos suas expressões corporais e sonoras." (Caderno de Campo -observação realizada em 14/10/2006)

O "grupo de louvor" – como grupo cultural juvenil – na igreja facilita a comunicação entre os jovens, amplia as formas de linguagens entre pessoas, entre "irmãos". A musicalidade na igreja possibilita aos jovens viver a experiência de "estarem lá", juntos, partilhar e problematizar percepções musicais, formas de expressar corporal, sonora e socialmente. Trazem para o templo religioso suas experiências, suas músicas, seus tons de voz e toques instrumentais para um diálogo que possibilita a união e a intercessão de experiências mais amplas que a própria música: a possibilidade de viverem a juventude juntos – a sociabilidade. Para conhecê-los melhor, discutiremos a seguir as formas de incorporar-se ao grupo e tornar-se um "levita do Senhor".

Tube de ensaio 1: ensaio geral

O ensaio⁶ é um dos espaços onde os "jovens do louvor" operam ações de aproximação e afastamento. Oram juntos, motivam-se a cantar, "dão apoio moral" uns aos outros, mas é nesse mesmo espaço que trazem suas insatisfações e declaram uns para os outros aquilo os aborrecem. Mostram-se dispostos a viver em grupo (em sociedade), mesmo em situações de conflitos, como se percebe nas notas do caderno de campo:

"Os instrumentistas e vocalistas fizeram um círculo e, de mãos dadas, fizeram uma oração. Após o período de devoção, perto da bateria começou uma discussão tensa da parte do Vitor, o baterista, com Josué, a respeito do uso do instrumento. Ivan que toca violão queria voltar a tocar bateria. Vitor ficou irritado e disse que 'o "grupo de louvor" tem que ser mais profissional', que 'não pode ficar com amadorismo'. Por fim, Josué não quis resolver o problema por eles, e, segundo o líder, por isso, deveriam conversar e apresentar-lhe uma 'decisão conjunta'. Hoje, o ensaio estava 'desorganizado'. Cada um tocava o que queira, não tinha sintonia. Ana Catarina e Douglas disseram que o ensaio era 'chato'; era possível perceber a insatisfação na fisionomia dos dois. Bernar-

⁵ Para uma discussão mais ampla acerca da música entre os católicos carismáticos cf. Souza (2005).

⁶ Os músicos da igreja encontram-se nas noites de terça-feira e aos domingos pela manhã depois da Escola Bíblica Dominical, por aproximadamente uma hora e meia, para ensaiarem as músicas que cantarão nos cultos e apresentações externas.

do disse: 'Pode colocar lá na sua pesquisa que o ensaio é muito chato'. Os vocalistas do grupo saíram para uma sala enquanto os instrumentistas ensaiavam uma melodia. Estavam Ana, Marcela, Douglas, Bernardo e Denis. Brincavam bastante durante todo o momento. Cantavam com voz de mulher, imitavam artistas famosos, conversavam sobre a escola, sobre o trabalho. Divertiam-se e davam risadas. Este momento parecia ser também um momento de lazer para aqueles que estavam na sala. Por que não para os instrumentistas? Quando voltaram ao ensaio, precisavam de um intérprete que deveria ter o tom de voz compatível com a música escolhida. Josué incentivou Ana Catarina a cantar a música solo, ele a elogiou, pois a jovem disse que não conseguia cantar. Animando, pediu-lhe que cantasse uma vez para ver se ficava bom. Insistiu até que Ana cantou. Ficou muito bom. Todos gostaram. Ensaíram apenas esta música, pois já estava no horário do almoço de domingo." (Observação realizada em 05/11/2006)

Briga e diversão são dois pólos onde os jovens se movimentam constantemente. Fazem uma analogia, por vezes, apropriada, "o grupo é uma família", dada a liberdade de problematizar aquilo que os indignam no cotidiano do grupo. O ensaio só é "chato" ou só é "legal" porque estão juntos, porque atribuem alguma importância àquele momento: tem que ser organizado porque "é para Deus", "o louvor tem que sair perfeito", "é o que eu mais gosto de fazer".

Estar juntos fortalece-lhes a experiência de se formarem enquanto músicos e sujeitos no coletivo, durante a relação uns com os outros. São mais que "irmãos", tornam-se amigos. Aliás, *tudo* "ao mesmo tempo agora": na igreja os jovens convergem para a amizade e a irmandade. Quando partilham a mesma fé, tornam-se "irmãos" na exaltação do sagrado, e quando estreitam os laços de comunhão que os tornam amigos, via mecanismos de aproximação – estar juntos – são capazes de trazer para as relações cotidianas aquilo que traz a alegria, confiança e a "liberdade de dizer o que pensa[m]".

Observando-se o "grupo de louvor" na ótica do lazer, ao viverem e produzirem o cotidiano por meio da sociabilidade, confirma-se a centralidade ocupada pelas atividades de lazer na vida dos jovens. Os momentos lúdicos possibilitam maior proximidade e cumplicidade entre os sujeitos, fortalecendo laços de solidariedade que motivam uns aos outros (CARRANO, 1999).

Casos de adesão ao grupo

Ana Catarina: algumas escolhas, algumas experiências⁷.

"Eu gostava de cantar. Um dia alguém disse para o líder de louvor na época que eu cantava bem. Aí ele me convidou para

participar do ensaio. Na época eu não era muito compromissada na obra, não queria saber disso, fui há um ensaio só, não gostei. Aí eu não participei. Aí continuei a ir na CER. Aí eu fui e dei meio que uma desviadinha, dos quinze até os dezesseis. Foi quando eu retornei para a equipe de louvor que era ainda o mesmo líder e aí ele falou: Ah! Você tem que cantar e tal. E ele precisava de um soprano e eu sou soprano. E na igreja não tinha soprano, aí eu fui porque na época eu namorava o Josué; eu namorei o Josué quatro anos e então fui mais naquela de Ah! Vou acompanhar o namorado, aí entrei, gostei e aí comecei a aperfeiçoar e gostei, sempre gostei de cantar. Comecei a aperfeiçoar na equipe de louvor e tal. Aí nisso teve também alguns desencontros... Essa equipe já mudou demais; já teve um monte de mudanças dos componentes. Os únicos que continuam desde o início é o Vitor, baterista, eu e o Josué." (Ana Catarina)

Ana Catarina, vocalista do grupo, me informou sobre sua adesão à "grupo de louvor", esclarecendo suas motivações iniciais e razões de permanência. Inicialmente, a jovem não se interessou pelo grupo: foi a um ensaio, "provou e não gostou". Optou por "desviar-se"⁸, a estar em um "grupo de louvor" no qual deveria ter maior compromisso, seguir regras e doutrinas. Havia inúmeras opções de atividades na igreja e fora dela que Ana poderia escolher e experimentar, dentre elas "desviar-se" e/ou participar do "grupo de louvor". Nesse sentido, a jovem escolheu durante quase dois anos a primeira opção e foi por lá se movimentar.

Ao voltar às atividades da igreja, já "namorando com Josué", entrou para o grupo com uma motivação: "Ah! Vou acompanhar o namorado". A adesão de Ana ao grupo de louvor pode ser vista a partir do que chamamos de movimentações por experiências combinadas. Ela, em certo momento, escolheu "desviar-se" – temos aqui uma experiência; posteriormente resolveu participar do "grupo de louvor" como vocalista, visto que sempre apreciou o canto, aliado à experiência de namorar "um cara" da igreja e do grupo – temos agora duas experiências combinadas, numa expressão da reversibilidade típica do mundo juvenil, ou seja, ir e voltar nas experiências quando julgarmos necessário.

A participação de Ana Catarina no grupo possibilitou combinar não só essas duas experiências (namoro e música), mas lhe trouxe certa motivação pessoal na área do louvor que a fez aderir de fato, mesmo não namorando mais com o "carinha do grupo". Sua atuação no louvor da igreja contribuiu para que pudesse movimentar-se por outras experiências, partir do crescimento do grupo, tais como viagens, gravação de DVD, conhecer novas pessoas e criar novas redes de convivência.

⁷ Ana Catarina, 23 anos, é graduanda em Pedagogia Especial da PUC-Minas, é recepcionista em um laboratório de análises clínicas e sua família é membro da igreja. Não namora atualmente.

⁸ Ana Catarina definiu o que era desviar-se, considerando o tempo que ficou "desviadinha", quando se comportava como uma pessoa que "tinha atitudes que não são de integrantes de louvor, eu vou falar, eu não tenho vergonha. Eu ficava com os outros. Eu não levava uma vida de compromisso. Eu não queria saber de namorar, eu queria ficar. Eu levava uma vida assim". Para a jovem, ficar é uma das características do desviado.

9 Josué, 23 anos, é pastor e coordena o grupo de louvor, é filho do Pastor Gilmar Garibaldi e da Pastora Stella. É formado em teologia e atualmente namora Marcela, 18 anos, integrante do grupo.

10 Refiro-me à linguagem utilizada pela igreja e pelos jovens: "tem que dar o exemplo", dar exemplo (ser modelo, digno de ser imitado) em casa, na rua, na escola, do bairro, na igreja. Em todo lugar se deve "dar o exemplo", como é também ter acesso a exemplos. A casa e a igreja, duas importantes instituições que contribuem na socialização dos jovens, são, com isso, também, espaços de exemplos.

11 Pouca qualidade técnica.

12 Tipo de oração comum entre os evangélicos no encerramento do culto.

13 Esse trecho da fala de Josué é bastante elucidativo, embora, com muito pesar, eu admita que não tenha condições, teóricas e temporais, neste momento, para aprofundar a análise do que foi dito pelo jovem: "Para mim, eu sou promessa de Deus, entendeu! Tudo o que acontece na minha vida desde novo. Eu sou um milagre de Deus, né? Quando eu estava no ventre da minha mãe eu estive morto. O médico falou: 'Seu neném está morto'. Ela orou, pediu a Deus para que Ele me desse a vida, e um anjo falou com meu pai, em sonho, que eu ia viver, ia ser um menino, que meu pai iria colocar o nome dele de Josué. Quando eu escuto isso, eu me emociono [mostra que os pelos do braço ficam arrepiados], entendeu? Eu acredito que eu sou uma testemunha viva do milagre de Deus, então eu acredito. Eu sou promessa de Deus, é o meu propósito com a música é pregar a palavra de Deus e falar que este Jesus que me ressuscitou dos mortos".

14 Josué é o único pastor que trabalha na igreja. Ele cuida da limpeza do templo e fica durante o dia na sede, onde tem maiores condições para dar aulas de música aos irmãos da igreja, principalmente aos jovens.



Josué: iniciado no "dozinho e solzinho" e formado no grupo de louvor⁹

"Eu sempre toquei violão, meu pai me ensinou um ré, o dó, o sol, então eu aprendi. Pior é que meu pai só fazia o mi menor e um si maior. Eu fiquei muito tempo da minha vida, adolescência, numa igreja que não investia em música; então eu conhecia pouca coisa de música. Depois, quando começou a CER é que eu fui ter mais amizade com o pessoal que tocava. Foi verdadeiro interesse pela música. Então eu tocava uma notinha ou outra, mas quando eu conheci este pessoal, o Raul, o Davi, vi a banda tocar como um todo, aí eu me interessei mais pela música e resolvi estudar. Sempre observava aprendi com o pessoal, fui aprendendo com eles aos pouquinhos, o pessoal que já tocava antes, aí eu comecei a participar." (Josué)

No caso de Josué, percebe-se o relevante papel da família em sua introdução musical, o que não é exclusividade apenas desse jovem, mas de outros membros do "grupo de louvor". Ao viver em um lar evangélico, muitas "crianças da igreja", como foi o caso de Josué, têm contato com a música tanto na igreja, na presença de grupos musicais mais "profissionais" (corais, conjuntos, duetos, bandas, solistas etc.), como em casa, quando alguém da família sabe "tocar louvores" que necessitam de um conhecimento apenas "instrumental". Nesses espaços de "exemplo"¹⁰, a igreja e a "casa da família evangélica", torna-se possível a iniciação musical dos jovens evangélicos.

Apesar da música ocupar lugar central no culto evangélico, não são todas as igrejas que investem nesta área. Por vezes, o "ministério de louvor" é tratado como "bico", passível de "fazer de qualquer jeito" ou mesmo formam grupos "painhas"¹¹ meramente para dar conta do ritual consolidado na maioria das denominações evangélicas – o culto com abertura solene, louvor, pregação e "bênção apostólica"¹². A CER segue o ritual, mas atribui um significado especial ao louvor, sendo Josué, atualmente, senão o principal, um dos membros que mais se empenha para fazer um louvor que "liberta vidas, cura feridas e transforma corações". Ou seja, a partir da significação espiritual atribuída ao louvor, o jovem percebeu a necessidade de investir no estudo e em sua percepção musical, e hoje é, sem dúvida, o músico mais bem preparado do grupo em termos de teoria musical, fato reconhecido pelos outros jovens e também por ele.

Ao afirmar que a música "é minha vida" e espiritualizar o caráter do louvor, o jovem acredita que suas ações na igreja são para adorar a Deus e que "Ele se agrada" do que ele faz ali: a música. Por se sentir uma "promessa de Deus"¹³, Josué tem se tornado um educador, um *missionário* da música, construindo, junto com os outros jovens, processos educativos na área musical. Sua adesão ao grupo vai além da música, do canto ou da instrumentalização; o grupo é, para ele, um organismo capaz de hospedar seu ímpeto de louvação e gratidão. Ao ser atraído para o "grupo de louvor", busca retribuir o que lhe foi ofertado, a vida, e a partir daí amplia a sua retribuição ao sagrado na relação com os outros membros do grupo e através do ensino de música e teologia, tarefas nas quais empenha a maior parte de seu tempo¹⁴.

O caso de Bernardo: música e gente em movimentação¹⁵

Bernardo, vocalista e *ministro de louvor*, começou a cantar ainda criança, quando chegou se apresentar em um programa de televisão. Sua família, antes de ser da CER, fez parte da membresia de outras igrejas, confirmando a tese do “trânsito por dentro”¹⁶ dos evangélicos. Marcos Assis (2005) ao discutir o trânsito religioso entre jovens evangélicos e católicos de Belo Horizonte, conclui que os jovens evangélicos, diferentemente dos católicos – que transitam para fora, ou seja, deslocam-se do catolicismo rumo a outras religiões – transitam por dentro, entre as diferentes denominações evangélicas existentes. Bernardo exemplifica essa discussão sobre trânsito religioso evangélico:

“A primeira igreja que meus pais foram, era Adventista, depois passamos para a Quadrangular, passamos por várias igrejas, Adventista, Quadrangular, Assembléia de Deus, Universal [do Reino de Deus], Batista do Caminho, Sara Nossa Terra, muitas igrejas. A que agente ficou mesmo foi a CER, até agora.”

O deslocamento “final” de Bernardo para a CER ocorreu por causa de seu desempenho musical ao se apresentar em um dos cultos da igreja, a convite da pastora Heloísa, sua vizinha:

“Bom, comecei a fazer parte do grupo de louvor há mais ou menos seis anos atrás e eu comecei a partir do momento que eu fui visitar a atual igreja em que estou. Eu fui lá para cantar uma canção que a pastora Heloísa tinha chamado para cantar e o Josué que é o líder do louvor, agora, gostou. Ele ouviu minha voz e gostou de me ver cantando e me chamou para fazer parte da equipe de louvor. A partir desse momento é que eu fiz parte da CER.” (Bernardo)

A igreja incentiva e apóia os jovens a experimentar a música de louvor e adoração do sagrado, dando-lhes a oportunidade de apresentar-se e construir trajetórias enquanto músicos e artistas. No templo evangélico é oferecido aos jovens o palco e a platéia. Espaço e público disponíveis, “quase que de graça”, o que seria muito mais difícil em outros locais, considerando-se o fato de serem jovens de camada popular. A igreja oferece, ainda, momentos de formação musical, como também de formação religiosa, que se configura como pré-requisito¹⁷ para adesão ao “grupo de louvor”. Essa formação religiosa nem sempre é a atividade preferida pelos jovens, mas eles se dispõem a se adequarem a algumas regras para estarem no grupo.

O “grupo de louvor” torna possível a concretização de sonhos e experiências para os jovens músicos, ofertando um *kit* completo: palco, pla-

téia, instrumentos, reconhecimento, gravação de CD e DVD e a perspectiva de um grande espetáculo. A música na igreja potencializa a atração de jovens de outras denominações evangélicas e torna possível, concomitantemente, aos jovens estarem em espaço e em momento de louvor ao sagrado, bem como de construção de identidades individuais e coletivas, por meio da experimentação musical.

Neste sentido, Bernardo encontrou na CER a garantia de expressar o seu “trabalho” musical e, conseqüentemente, foi capaz de mobilizar sua família para estarem juntos na mesma denominação para o “louvor e comunhão com Deus e com os irmãos da igreja”. Durante o tempo que está na igreja, o jovem criou uma rede de relações, que o prendem no lugar. “Já pensei em sair da igreja, já até saí uma vez, mas voltei, porque eu gosto das pessoas lá da CER, dos meninos, dos meus amigos”, Bernardo informa que sua adesão a uma comunidade evangélica e ao “grupo de louvor” torna possível a realização do desejo de ser um “músico profissional”. “Estar lá” significa “fazer parte” de uma rede de sociabilidade que o realiza enquanto sujeito que se constrói na relação com outros jovens, dentro e fora da igreja.

Tubo de ensaio 2: o disco da sociabilidade

“Chegamos à Igreja Congregacional quando começava a chover. Abner, Vitor e Artur correram até o carro para pegar os instrumentos cuidando para estes não se molhassem, pois que são caros. Mostravam-se solidários uns com os outros. Era um encontro de pastores. Eles eram mais sisudos que o povo da CER. O dirigente do culto informou o lançamento do DVD do grupo de louvor da CER. Os jovens sorriam uns para os outros; pareciam orgulhosos. O pregador da noite foi um pastor Deputado Federal do Partido Liberal-MG. Foi um culto com muito requinte. Foram apresentados e cantaram duas músicas, referentes à família, tema do DVD. Foram aplaudidos e, ao terminar a apresentação, ficaram na parte externa do templo, beberam água e comentaram sobre a apresentação. Eles riam e se mostravam animados. Não voltaram para o culto e se preparavam para vender os DVDs. Improvisaram uma banquinha com a caixa dos DVDs. ‘Ei, irmão, vamos abençoar o ministério’. Guardaram os DVDs e foram para o salão de festas da igreja, para participarem da festa preparada pelos pastores. Pegaram pratos de salgados e copos de refringentes. Eles se dirigiram para o templo, sentaram-se nos bancos perto da bateria (no salão de festas ficaram os pastores). Os meninos do grupo conversavam e brincavam. Um pegava o salgado do outro. Zoavam bastante.” (Caderno de Campo - observação realizada em 04/11/2006)

¹⁵ Bernardo, 18 anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio em uma Escola Estadual, localizada perto da sua casa. Apenas alguns membros da sua família são evangélicos. Não namora, mas “fica” com alguma menina.

¹⁶ Para uma discussão mais ampla cf. Assis (2005).

¹⁷ Todos os membros do grupo de louvor devem, obrigatoriamente, participar da Escola Bíblica Dominical, aos domingos pela manhã, antes do ensaio. A igreja tem como objetivo educar os músicos na “palavra de Deus” e torná-los fiéis “irrepreensíveis”, considerando a formação religiosa uma contrapartida para a participação no grupo de louvor.

A partir da gravação do DVD, em poucas semanas o grupo já pegava estrada para a "turnê". Foram convidados a se apresentar em igrejas do interior do Estado e da capital. Tratam as novas experiências com certo profissionalismo. Rapidamente, passaram a usar linguagens e práticas do meio artístico: "Temos que verificar na agenda", "Vou autografar seu DVD". Brincávamos, "É o problema da agenda cheia". Por meio da turnê, os jovens mostram que, ao passarem mais tempo juntos, se movimentam e combinam novas experiências, escolhas e modos de vida.

O "ministério de louvor" vem promovendo nos jovens, no presente e continuamente, aquilo que Dayrell (2005, p. 291) observou no âmbito do rap e do funk. O estilo musical, corporificado no grupo, traz uma significava

"ampliação dos circuitos e redes de trocas, sendo o meio privilegiado pelo qual se introduziram na esfera pública. Na gratuidade dessas relações e nas atividades de lazer, vieram construindo formas de sociabilidade próprias, num exercício de convivência social, aprendendo a lidar com as diferenças. O estilo se coloca como um dos poucos espaços onde podem exercer o direito às escolhas¹⁸, constituindo, para grande parte deles, um modo de vida."

Os "jovens do louvor" (re)elaboram suas práticas culturais e de lazer. São capazes de criar formas próprias de sociabilidade, nos momentos em que estão juntos nos cultos, ensaios, nas apre-

sentações externas à igreja local, nas viagens, na rua, na esquina, no "pedaço"¹⁹, ou seja, constroem redes de convivência, também, naqueles espaços intermediários entre o privado (a casa) e o público, onde desenvolvem uma "sociabilidade básica", mais ampla do que a sociabilidade estabelecida no âmbito da família, "porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade" (MAGNANI, 2005, p. 178).

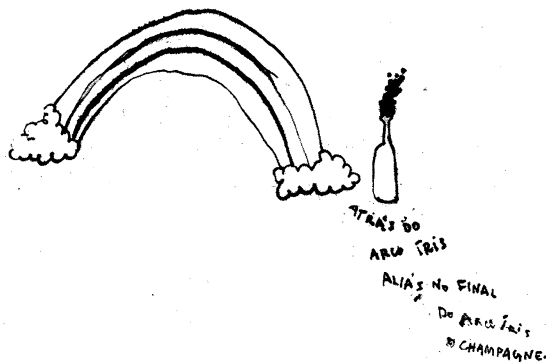
Considerações Finais

Percebemos que o "grupo de louvor" pode contribuir na articulação da sociabilidade dos jovens participantes. As práticas artísticas e culturais constituídas por eles podem ampliar suas relações sociais e de auto-estima, pois na convivência cotidiana trazem elementos de uma ação educativa: motivação, correção, ensinamento, avaliação, cumplicidade. Os jovens transformam-se e educam-se na relação coletiva. O grupo torna possível aos participantes estabelecer laços de amizade, os quais, na maior parte das vezes, têm em si a razão de ser. Ao fazerem louvor juntos, criam e recriam condições de uma "ação comunicativa" capaz de estreitar laços afetivos e a sociabilidade deles. É lá, na CER, que a juventude se congrega, jovens que "soltam o som", através de suas experiências religiosas, artísticas e culturais. No "grupo de louvor" eles dialogam com outros jovens e criam múltiplas formas de tornarem-se visíveis enquanto sujeitos que sonorizam a fé no sagrado.

Submetido em 20/03/2007
Aprovado em 07/05/2007

¹⁸ Contextualizando este estudo, no caso da igreja, existem possibilidades de escolhas, mas são possibilidades mediadas por regras e doutrinas colocadas pela igreja e o pastorado.

¹⁹ Para uma discussão mais ampla cf. Magnani (1998).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. (1994), *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Escrita.
- ASSIS, Marcos A. (2005), "*Para fora e por dentro*": trânsito religioso entra a juventude de Belo Horizonte, Monografia (Ciências Sociais), Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. (1999), *Angra de tantos Reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*, Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- DAYRELL, Juarez T. (2005), *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- DAYRELL, Juarez T. (1996), "A escola como espaço sociocultural", in _____, *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- FRESTON, Paul. C. (1993), *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*, Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MAGNANI, José G. C. (1998), *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec.
- MAGNANI, José G. C. (2005), "Os circuitos juvenis urbanos", in _____, *Tempo social*. São Paulo, USP.
- MAUSS, Marcel. (1974), *Ensaio sobre a dívida: sociologia e antropologia*. São Paulo, EDUSP.
- PAIS, José Machado. (1993), *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- SPÓSITO, Marília Pontes. (2000), *Estado do conhecimento: juventude*. Brasília, INEP.
- TAVARES, F. R. G., PEREZ, L. F. & CAMURÇA, M. A. (2006), "Imaginário religioso, moral e política entre a juventude mineira", *Anais*, 25 a Reunião Brasileira de Antropologia.